

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 1

A EDUCAÇÃO INFANTIL LEVADA A SÉRIO



Maria Malta Campos: critérios para
escolha de uma boa creche.

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 2

Para a pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Maria Malta Campos, é necessário haver mudanças nas creches e nas escolas de educação infantil. Segundo a pesquisadora, no geral, essas instituições não são adequadas. Com o intuito de colaborar para a melhoria das creches Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg elaboraram (1995) o documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, publicado pelo MEC. Maria Malta Campos explica. “Nele definimos uma série de critérios, no sentido que não são critérios de eficiência ou de custo-benefício. São critérios de contexto, são critérios de processo”. A pesquisadora participou de outros trabalhos: “Consulta sobre a qualidade da educação na escola” e “Consulta sobre a qualidade de educação infantil”. Este último em andamento.

FOLHA DIRIGIDA – O que se sabe sobre a qualidade da educação infantil no Brasil?

MARIA MALTA CAMPOS – Hoje, sabemos muita coisa. Porque temos vários tipos de dados sobre isso. Temos, por exemplo, diagnósticos feitos em determinados municípios. Não são muitos, mas temos. Há também alguns dados do censo escolar do MEC, que são indicadores gerais ligados à infra-estrutura das escolas. Temos dados do MEC sobre a qualificação dos professores. E temos alguns estudos de casos, principalmente na pós-graduação. Os alunos de pós-graduação escolhem algumas creches ou algumas pré-escolas e fazem uma observação e entrevistam professores. Por isso hoje sabemos muito mais do que há dez anos atrás.

FOLHA DIRIGIDA – Quais são os critérios para avaliar a qualidade de uma creche ou uma escola?

MARIA MALTA CAMPOS – Essa é uma discussão bem atual. Desde o início da década de 90, essa questão da qualidade tem se tornado muito importante em toda a educação. Essa discussão evoluiu bastante na década de 90 e foram produzidos vários documentos, inclusive pelo próprio MEC. Eu e a Fúlvia Rosemberg colaboramos, nós elaboramos o



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 3

documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, que vem acompanhado de um vídeo e de um catálogo explicativo. Nele definimos uma série de critérios, no sentido que não são critérios de eficiência ou de custo-benefício. São critérios de contexto, são critérios de processo. São critérios bem concretos e práticos. O MEC está relendo esse trabalho e está discutindo em vários encontros regionais pelo Brasil. Com a intenção de retomar esse debate sobre os parâmetros de qualidade.

FOLHA DIRIGIDA – Há alguma pesquisa sendo feita no âmbito da Fundação Carlos Chagas com relação ao ensino infantil?

MARIA MALTA CAMPOS – Sim, a Fundação Carlos Chagas está participando junto com outros parceiros, é um projeto grande. Está sendo feito em quatro estados: Ceará, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. É uma pesquisa que se chama “Consulta sobre a qualidade da educação infantil”. Ela está sendo promovida pela Campanha Nacional pelo Direito a Educação, que é uma organização que congrega vários grupos, várias ONGs. É uma articulação na sociedade civil. Já tínhamos feito um trabalho anterior, que foi a “Consulta sobre qualidade da educação nas escolas”, com colaboração da Fundação Carlos Chagas na parte de tratamento de dados, de estatísticas e na elaboração do relatório. Essa pesquisa tinha sido feita com escolas fundamentais e médias, em dois estados: Pernambuco e Rio Grande do Sul. Ela se caracterizou não por avaliar a qualidade das escolas, mas por investigar a concepção que as pessoas têm sobre qualidade. O que os professores, o que os pais, o que os diretores, o que as pessoas da comunidade e o que os alunos acham que é uma boa escola? É importante sabermos isso porque quem faz a qualidade da educação são esses protagonistas, que estão na base, trabalhando no dia-a-dia. Se eles próprios não têm essas metas, se não existe um consenso sobre essas metas, um consenso a respeito desses critérios e um consenso do que é uma boa escola e do que devemos tentar nos aproximar desse ideal, não teremos muito sucesso. Aqui no Brasil nós não sabíamos isso porque ninguém nunca tinha perguntado isso para elas. Nesse primeiro momento nós perguntamos só para as escolas médias e fundamentais. Isso não foi aplicado na educação infantil porque esses questionários não são adequados para a educação infantil. Mas agora nós estamos fazendo isso. Estamos no meio de uma pesquisa, do mesmo tipo. Estamos com financiamento pequeno de uma instituição chamada *Save the Children*, que é uma instituição internacional. Também há colaboração de



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 4

outras instituições, entre elas a Fundação Carlos Chagas, que está colaborando com a análise e tratamento dos dados. Há a participação de Universidades Federais do Ceará, de Minas Gerais, de Lavras e do Rio Grande do Sul. Outra instituição que está colaborando é a ONG Centro de Cultura Luiz Freire.

FOLHA DIRIGIDA – É possível fazer um paralelo entre a violência e o pouco investimento e a baixa qualidade da educação infantil?

MARIA MALTA CAMPOS – É difícil estabelecer uma relação direta: mais educação infantil, menos violência. Porém, existe uma relação indireta. Se pensarmos que a educação infantil faz parte de uma gama de políticas sociais que faltam para a população brasileira, o fato de termos, principalmente nas grandes cidades, uma quantidade muito grande de bairros desprovidos de atendimento de vários aspectos, é um fator que contribui para criar uma situação onde a violência prospera.

FOLHA DIRIGIDA – O que a senhora pensa sobre o projeto que aumentaria em um ano o ensino fundamental, fazendo com que crianças ingressassem com seis anos no segmento?

MARIA MALTA CAMPOS – Não sou contra. Na maior parte dos países as crianças começam a primeira série com seis anos. Mas deveria ser condicionado à adoção, pelo ensino fundamental, de alguns programas como o ciclo de aprendizagem, progressão continuada – que evitasse a repetência de criança de seis anos. Porque se for para a criança entrar na escola um ano antes e repetir um ano antes, é melhor não entrar. Infelizmente, nós estamos assistindo isso em alguns lugares do Brasil. Estão admitindo as crianças de seis anos só por uma questão contábil, para poder contabilizar essas crianças no Fundef. Sem nenhum cuidado para saber se o ensino, os métodos pedagógicos e a forma de trabalhar com as crianças são adequados para essa idade. ✕

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,
em outubro de 2004, à Raphael Bernardo.